



HOMENAGEM
TRIBUTE

Roberto Machado ou a modesta sabedoria

Durval Muniz de Albuquerque Júnior 
Professor Visitante, Universidade Estadual da Paraíba
durvalaljr@gmail.com

Amo Aquele que justifica os futuros e redime os
passados: pois ele quer ir ao fundo pelos presentes.

Nietzsche, *Assim falou Zaratustra*

Assim falou Zaratustra: vai Roberto, ser a ponte, ser a passagem, ser a travessia para
a outra margem, transversalidade de campos e saberes.

Vai ser a corda atada entre a Europa e o Brasil, o teu Brasil pernambucano, que
nunca abandonou o grão da tua voz, com o qual semeastes tantas palavras.

Vai aprender, com estudantes e camponeses, a praticar a educação como a prática
da liberdade e da criação, como a prática da modéstia e da alegria ao conhecer.

Vai aprender, com a pedagogia do oprimido, a nunca ser um professor opressivo, a
nunca pretender ser o dono da verdade, vai aprender a ouvir e a perguntar com
sabedoria.

Vai aprender com a ação popular, a força da oração, a força do falar, o discurso
como ação, a ação como discurso, a fazer do difícil conceito uma imagem lapidar.

Vai, Roberto, se arrepiar e parar, meditativo, perante os perigos e a grandeza da
vida, mas vai também fazer teus discípulos se arrepiarem e pararem diante do
perigoso e do fascinante que lhes apresentas, com teu entusiasmo e alegria no olhar.

Vai ser o homem do desprezo pelas honrarias e salamaleques, vai ser o tímido
observador de teus próprios limites e de teus grandes triunfos.

Vai, catolicamente, ser um homem universal, um pensador sem fronteiras, louvando em Louvain a fenomenologia alemã e a epistemologia francesa.

Vai nos mostrar que todo grande espírito desabrocha no exílio, na solidão, que todo grande homem é um estrangeiro, até para si mesmo.

Vai, Roberto, trabalha, inventa um professor libertário em plena ditadura, prepara a terra paraibana para o cultivo da filosofia, semeia, em tempos áridos, as ideias do porvir.

Vai à cidade luz e vê um anunciador de relâmpagos, te faz discípulo e intérprete, intercessor e amigo, fazendo, em seus escritos, o além desse homem.

Vai ao Collège de France, segue os cursos, a trajetória do arqueólogo do saber, o quebrador, o infrator da tábua de valores cristãos em que te formastes, Aquele que os crentes de todas as crenças vão considerar perigoso e herético.

Vai, Roberto, tu que trazes no nome familiar a promessa de poesia (Cabral de Melo), que herda do pai a ferramenta para o trabalho (Machado), escreve um trabalho, uma tese sobre a ciência e o saber d'Aquele que pôs em questão o nome de autor e a relação entre as palavras e as coisas.

Vai a Vincennes-Saint-Denis e descobre outro companheiro de viagem, companheiro vivo, apesar do frágil fôlego. Lá, uma luz se acenderá em ti e deixarás, definitivamente, de ser seguidor e discípulo, de ser repetidor para ser criador, para fazer a diferença.

Vai e desenha uma nova geografia do pensamento, aporte ao Sul o que parece só destinado ao outro hemisfério, faz desembarcar na *terra brasilis* autores nunca dantes navegados.

Ai, Roberto, te darás conta de quanto andas transmutado, que não és mais camelo, mas um leão que é senhor de seu próprio deserto, espírito livre e conquistador, quando os padres da Pontifícia universidade te virem como um dragão da maldade e não como um santo guerreiro, te trespassando com a lança da demissão, na cidade de Jorge.

Ai, machado de lâmina afiada, os cristãos, da mesma instituição que mal te formou, na tua cidade dos arrecifes, por não seres vaca colorida, por não cultivares o espírito

de rebanho, te cortaram, por não suportarem o gume de teu pensamento e de teu ensino.

Ai, Roberto, o luto entre os estudantes, órfãos daquelas aulas com o professor que os transmutava em crianças, com olhares e ouvidos virgens e abertos para a criação do novo; tu mesmo, feliz como pinto no lixo, livre de todo o peso do já sabido, do sagrado, fazendo da aula um começar de novo, um jogo, uma roda rodando por si mesma, uma ciranda de ideias, onde nasciam, ainda na placenta, novas maneiras de pensar.

Mas soubestes manter sagrada a tua mais alta esperança, e fostes encarar de frente um novo ídolo: o Estado, o mais frio de todos os monstros frios, segundo aquele filósofo tornado tua nova paixão.

Mas foi na universidade do Estado que foste cultivar essa nova paixão pelo pensador dos abismos, pelo pensador da vontade de potência, pelo filósofo que auscultou a saúde ou a doença de um pensamento, de um corpo de ideias.

Mas foi cercado de um outro povo, distinto daquele que costumavas encontrar na Pontifícia – gente das alturas sociais e da vida ao rés das praias –, povo que vinha de mais baixo na vida social, embora, por vezes, habitassem as montanhas e morros, que passaste a cultivar o pensamento para além de bem e de mal, a encarar a alegria trágica da vida humana.

Em verdade, tivestes que encarar os pregadores da morte, os anunciadores do caos, os disseminadores do medo e da frustração, para se tornarem profetas de uma boa nova que está no futuro, no além, nunca no presente, no aqui e agora.

Em verdade, tivestes que enfrentar muitos deuses ciumentos, ídolos em crepúsculo, ranzinzas e sem compostura, com moderação, docilidade e firmeza, com a sabedoria do riso, da gaia ciência, com a alegria do encontro que soma e não com a tristeza dos desencontros que dividem.

Em verdade, tivestes que fazer o cultivo do niilismo ativo, aquele que nasce da coragem de encarar a verdade trágica da existência, que encara de frente a finitude e a morte – como, mais uma vez, temos que aprender contigo que te foste – aquele que diz sim para a vida, que a afirma, mesmo sabendo-a inseparável da dor, do sofrimento e da morte.

Em verdade, sempre afirmaste a existência, sempre cultivaste o bem viver, os prazeres, saberes e sabores da vida, sempre foste um sábio em levar tua vida, privilegiando fazer o que querias, afirmando o teu querer, as tuas vontades, escapando, com educação e delicadeza, de assumir tarefas indesejadas.

Em verdade, tua sabedoria estava em saber dizer não, em te desvencilhar, com elegância, de demandas que não eram de teu agrado e nas quais não vias serventia; sabias da força do silêncio, do valioso que pode ser não dar respostas, fazer de conta que não havias recebido aquele convite embaraçoso ou de difícil recusa.

Ó meus irmãos historiadores, que acontecimento foi a *Danação da norma*, livro nascido de um experimento coletivo de pesquisa, que pioneiramente fez o passado brasileiro, a história da psiquiatria e do saber médico no Brasil se encontrar com o pensamento de Foucault.

Ó meus irmãos, como é difícil que as normas se danem em nosso ofício, como nosso campo é fértil para a proliferação de caga-regras, como é difícil ser criador, inventar o passado, com tantos guardas de esquina a apitar para que não rompamos os limites disciplinares.

Ó meu irmão de ofício, que fastio me dá constatar que foi preciso um estrangeiro ao campo, um profeta de outras plagas, um criador de novas formas de fazer pesquisa, de ensinar e de pensar, para que nosso campo pudesse convalescer de seu nojo permanente em relação aos que questionam as suas normas sacrossantas, esse eterno retorno do mesmo e do menor.

Vede o que Roberto Machado fez pela historiografia brasileira, o que ele fez por todo o campo das humanidades, com seus livros fundadores de novas análises, com suas conferências e palestras que tinham o brilho do sol, com as aulas em que ninguém bocejava de tristeza e de tédio.

Vede esse corpo saudável, belo, esguio, moreno, vede esses cabelos prateados, esses gestos largos e aéreos, vede esses olhos faiscantes e meditativos, vede esse olhar que parece procurar no horizonte, visualizar a imagem daquele conceito que a voz sibilada e calorosa, a voz audível de qualquer lugar do auditório, acaba de dizer.

Vede essas mãos pousadas no queixo, mãos a folhear um caderno em que está escrito o esquema impecável do que vai ser dito, o fragmento do livro que está por vir, as reflexões de uma mente brilhante e inovadora.

Vede quanta generosidade nesse falar, nesse existir, nesse ensinar; quanta modéstia nesse dizer, nesse afirmar; quanta moderação ao se posicionar; quanto comedimento na expressão pública; quanta clareza ao se expressar; quanta sobriedade ao se vestir; quanta fidalguia herdada da aristocracia de engenho havia nesse corpo tão despojado de vaidades.

Demasiadas foram as invejas que despertaste, essa serpente negra e nojenta entalada na garganta de tanta gente na academia. Eles fizeram ouvidos moucos, eles não te ouviram ensinar como morder e cortar a cabeça da serpente, como cuspi-la, como se livrar da vaidade, esse hediondo e inflado réptil que sufoca tanta gente de escola. Contigo, desde que te conheci pessoalmente, desde que contigo convivi, aprendi que o homem superior não é aquele de nariz arrebitado e com a eterna expressão de repulsa no rosto, não é aquele que se ocupa em estar gastando seu tempo com querelas estéreis, com textões em rede social, que se abaixa para querelar com quem só sabe rebaixar, mas é aquele que se coloca acima das pequenezas e mesquinhas, aquele que olha para a luz, que com sua luz sábia vaza os olhos das cobrinhas rastejantes que nos procuram envenenar. Questão de saúde, sempre!

Ó visionário! Cada livro teu abriu caminhos, nos fez mais próximos de e sabidos acerca de Nietzsche, de Foucault, de Deleuze, de Schiller, de Proust, nos colocou na senda de Zaratustra, nos aproximou dos desafios lançados pelo pensamento trágico, nos fez aprender sobre as várias faces do niilismo, essa doença dos espíritos modernos.

Talvez por teres te formado como um crente, talvez por teres uma formação cristã, o Anti-Cristo te calou tão fundo, tu precisaste vencer o masoquismo do monte das oliveiras, para aceitar, no entanto, que a morte é a derradeira e única verdade que temos que aceitar em vida, se quisermos efetivamente viver, fazendo dela nosso único e derradeiro tempo.

Assim cantou Zaratustra: “Enquanto isso corro com pés cálidos, a torto e a direito, sobre meu monte das oliveiras: no recanto ensolarado de meu monte das oliveiras canto e zombo de toda compaixão”.

Com paixão, é com ela que, embora vivendo nesse canto do planeta, nesse calvário, nesse horto noturno e frio, onde aguardamos, a qualquer momento, a espada desembainhada do soldado a cortar a nossa orelha ou a nos recambiar para a prisão, a tortura e a crucifixão, tu viveste e morreste estando vivo, mesmo depois de morrer.

Assim canta e conta Zaratustra: Roberto Machado foi e continuará sendo uma zona ensolarada, uma sebe cheia de luz, nesse jardim das oliveiras; sua vida e seus escritos serão sempre um convite a cantar e zombar de todo pensamento piegas, fascista, de todo pensamento da repetição e da disciplina.

Assim canta e conta Zaratustra: Roberto Machado nos ensinou a ir além do homem cotidiano, banal e boçal; nos ensinou a nos submetermos à grande prova ética do eterno retorno: gostarias que tudo que viveste, e como viveste, retornasse, uma e outra vez?

Roberto, cujo nome já augurava a brilhante glória, nos desafiou a partilhar com ele a modesta sabedoria, a sabedoria trágica da embriaguez pela vida e pelo vivo, pelo saber vivo e vivificante, o saber que tem sabor, que, como uma bela taça de vinho, nos prepara para encarar o apolínio da vida, com as artes e as manhas, com as auroras de Dionísio.

“Pois todo prazer quer a si próprio; por isso quer também sofrimento de coração! Ó felicidade, ó dor! Ó, quebra, coração! Vós, homens superiores, aprendei, pois, o prazer quer eternidade”.

Ter te conhecido Roberto Machado, ter lido teus escritos, ter te escutado foi um prazer inenarrável. E se o prazer quer eternidade, quer profunda eternidade, tu, Roberto, serás eterno, profundamente eterno entre nós.